

## REPRESENTAÇÕES DOS INDÍGENAS NOS QUADRINHOS

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[nataniel@uems.br](mailto:nataniel@uems.br)

*Tais Turaça Arantes* (UFRJ)

[taistania@gmail.com](mailto:taistania@gmail.com)

### RESUMO

As histórias em quadrinhos surgiram com a cultura de massa e alcançaram milhões de leitores pelo mundo. Uma das razões que explica este alcance é que elas conseguem trabalhar com linguagens híbridas. Por isso, Barbieri (2017) fala das linguagens dos quadrinhos, como se fossem uma fauna. Além disso, por serem muito populares e voltadas para um público amplo, as histórias em quadrinhos de maior sucesso mercadológico tendem a trabalhar com estereótipos. Enquanto a sociedade é marcada pela diversidade, algumas histórias em quadrinhos não conseguem fugir do senso comum, o que pode criar estigmas dos povos indígenas. No Brasil, os povos indígenas compreendem um grande número de diferentes grupos étnicos que habitam o país desde antes da colonização portuguesa no século 16. Assim o presente trabalho visa mostrar como os indígenas são retratados nos quadrinhos, os erros e acertos na representação deles e o impacto que isso traz para o não indígena.

### Palavras-chave:

Linguagem. Quadrinhos. Representação indígena.

### ABSTRACT

The stories emerged with mass culture and millions of readers around the world. One of the reasons that explains this reach is that they can work with hybrid languages, which is why Barbieri (2017) talks about the languages of comics, as if they were a fauna. Also, because they are very popular and great stories for a wide audience, they can work with stereotypes. As society is marked by diversity, some comics can't escape at the same time that they achieve common sense, which can create stigmas of indigenous peoples. In Brazil, indigenous people depict a large number of different ethnic groups since its colonization in the 16<sup>th</sup> century. Thus, the work aims at showing how indigenous people are portrayed in comics, the mistakes and successes in their representation and the impact that it brings to the non-indigenous.

### Keywords:

Language. Comics. Indigenous representation.

## 1. Introdução

Segundo dados do censo do IBGE realizado em 2010, a população brasileira soma 190.755.799 milhões de pessoas. Ainda segundo o censo, 817.963 mil são indígenas, representando 305 diferentes etnias. Apesar

disso, muitas vezes, a arte, mais especificamente as histórias em quadrinhos, refletem as condições preconceituosas enfrentadas pela população indígena, expressas graficamente com a imagem negativa do indígena nesse tipo de publicação artística. Os padrões europeus dos corpos colocaram à margem etnias diferentes. Por isso, propomos investigar os indígenas nos quadrinhos nacionais.

Assim, é importante destacar que os povos indígenas do Brasil compreendem um grande número de diferentes grupos étnicos que habitam o país desde milênios antes do início da colonização portuguesa. No período descobrimento do Brasil, esses povos eram compostos por tribos seminômades que subsistiam da caça, pesca, coleta e da agricultura itinerante, marcado por culturas diferenciadas.

Apesar de protegida por leis, a população indígena foi amplamente dizimada por não indígenas e pelas doenças que trouxeram, chegando a uma população de cerca de 150 mil em meados do século 20. Somente na década de 1980, essa tendência foi revertida e a população indígena passou a crescer em um ritmo sólido.

As culturas indígenas são diversificadas e compunham originalmente um mosaico de tradições, línguas e cosmovisões que foram desprezadas e estigmatizadas como bárbaras, ingênuas e atrasadas, ou vistas como exóticas e curiosas. Hoje já se percebe que são culturas complexas e, em diversos aspectos, sofisticadas, com valores impactantes para o mundo moderno, tais como o cuidado com a natureza e sustentabilidade ambiental.

Mesmo com todo esse avanço na forma de enxergar o indígena, eles ainda são retratados de forma estereotipada nos quadrinhos, nos mais de 100 anos de existência da arte sequencial.

## **2. *Sobre os indígenas***

Na época do descobrimento calcula-se que havia no Brasil de cinco a seis milhões de indígenas, divididos em cerca de 900 diferentes grupos étnicos, falando mais de mil línguas diferentes. Hoje esse número é muito menor, com cerca de 221 (24,5% do número anterior), falando pelo menos 185 diferentes línguas.

Mais de 70% dos indígenas estão no Amazonas (55 mil), Mato Grosso do Sul (30 mil), Roraima (23,4 mil), Mato Grosso (16,3 mil),

Pernambuco (15,8 mil), Maranhão (12,1 mil) e Pará (11,3 mil). Os demais indígenas (28,4%) estão no resto do país. Não há indígenas registrados no Piauí nem no Rio Grande do Norte. Perto de 90% dos índios vivem nas regiões Norte (45,46%), Centro-Oeste (22,36%) e Nordeste (20,13%).

Na segunda metade do século 17, o padre Simeão de Vasconcelos, dizia que os indígenas “são feras, selvagens, montanheses e desumanos... uns semicapro, uns faunos, uns sátiros dos antigos poetas, e parecem mais brutos em pé que racionais humanos” (Crônica da Companhia de Jesus). Por outro lado, o indígena não é aquela figura pura e inocente representado nos romances de José de Alencar, nem nos poemas de Gonçalves Dias. A influência desse indianismo épico ainda tem prejudicado a compreensão do indígena brasileiro.

Os povos indígenas têm uma economia de subsistência e não lucrativa, o que incomoda a visão capitalista dos madeireiros, garimpeiros e dos amantes do capitalismo “selvagem”. Cálculos sensacionalistas como um apresentado pela revista *Veja* (05/07/1989), diziam que os 136.000 indígenas da Amazônia caberiam no Estádio do Morumbi e que, se todos os brasileiros tivessem ao nascer a mesma porção de terra que os índios têm., “o Brasil só poderia abrigar 1,4 milhão de pessoas – ou o país teria de ter um território igual a quatro vezes a soma da área total dos cinco continentes”. Manchetes assim prestam um total desserviço para descrever as comunidades indígenas.

Os suicídios de guaranis e caiuaús no Mato Grosso do Sul tem como explicação a limitação geográfica da área da reserva, segundo o ex-superintendente-geral da FUNAI, Edizio Batistelli: “No meio desta luta pelas terras, vemos a aldeia ianomani perdendo mães e pais. Além do estímulo que os garimpeiros dão para o vício da cachaça.”.

A imprensa é, de modo geral, desfavorável ao indígena. Observa-se a defesa dos interesses de poderosos em nome do desenvolvimento e do bem-estar do restante da população, trazendo o preconceito, a discriminação e ideologia para manipular a opinião pública, com a intenção de manter os interesses de grupos dominantes.

Logo, evidencia-se um paternalismo ligado ao imperialismo e ao colonialismo, em que se manifestam relações de poder entre as instituições, seja na tentativa de manter o controle, seja no dissimular o autoritarismo mascarado de proteção, mas cada um mantendo o poder a seu modo.

Além de estar diretamente ligada ao problema mais geral da

hegemoniada perspectiva masculina nas ciências sociais, a invisibilidade das mulheres indígenas é um caso específico da invisibilidade dos próprios índios, categoria étnica e racial ainda atrelada, na visão do senso comum, a representações enraizadas em fontes remotas, e cuja elaboração inicial recua aos primeiros séculos da colonização do Novo Mundo. De maneira geral, essa idealização se torna efetiva através de duas vertentes, uma ‘positiva’, a propalada imagem do índio como ‘reserva moral da humanidade’, outra negativa, que o recobre com as tintas nefastas do ‘bárbaro’. O caráter deletério da representação do bárbaro é evidente, mas a imagem oposta não é menos danosa, especialmente para os esforços atuais de afirmação política das populações indígenas.

Os livros didáticos, por exemplo, pintam a imagem do indígena com os tons do “bom selvagem” de Rousseau, que ama a liberdade e vive em harmonia com a natureza, e que a partir deles devemos extrair lições de vida, moral e humanidade. Em outros momentos, o indígena aparece, como fonte de moralidade a ser dominada, domesticada e transformada.

A primeira visão já estava presente nos relatos de viajantes, como Jean de Léry, em que características como a ausência de acumulação material e a disposição para partilhar o alimento são exaltadas (Cf. CUNHA, 1990). Nas últimas décadas, os indígenas passam por um genocídio sistemático. Para se ter uma ideia do que tem acontecido, entre 2003 e 2011 mais de 500 indígenas foram assassinados, em conflitos ligados à posse de terras, em sua maioria. Já em 2012, o índice de violência contra indígenas já havia crescido 237% em relação ao ano anterior.

### **3. *Sobre as histórias em quadrinhos***

As histórias em quadrinhos fazem parte da chamada cultura de massa. Da forma como conhecemos os quadrinhos, eles têm como origem a popularização dos meios de produção. Para o senso comum, estão atreladas a leituras pueris, mero entretenimento ou simplesmente um gênero para quem não tem o hábito de ler.

Os estudos acadêmicos sobre os quadrinhos vêm se desenvolvendo de 1960, na Europa, mas no Brasil são relativamente recentes. A partir de desbravadores de diversas universidades, como Álvaro de Moya, Sônia Luyten e Antonio Cagnin. A geração seguinte foi formada por nomes como Waldomiro Vergueiro, Nobu Chinen, Paulo Ramos e outros.

No início do século 21, começaram a surgir diversos grupos de

pesquisas, o número de dissertações e teses crescem exponencialmente, aparecem dossiês em revistas acadêmicas, são publicados livros teóricos, palestras são ministradas etc. Tudo isso contribuiu para que os quadrinhos entrassem no circuito das pesquisas acadêmicas e ganhassem visibilidade, indo além da ideia que é “coisa de criança”.

Atualmente já se tem o conceito que as histórias em quadrinhos podem servir como fonte, que servem para correlacionar a figuração e a ficcionalidade, servindo como testemunhos de acontecimentos no tempo e no espaço, como propõe a História Cultural (Cf. BURKE, 2008). Nesse sentido, pode-se perceber que os quadrinhos, usando de uma linguagem híbrida, carregam elementos simbólicos, que de forma consciente ou não, criam um campo muito fértil para a interpretação dos acontecimentos e o retrato de uma época.

Hobsbawn (1995) lembra que o século 20 pode ser caracterizado pela diversão e pela arte voltadas para as massas e os quadrinhos caem como uma luva como o retrato de uma época. Logo, eles existem a partir de seus criadores, sejam roteiristas ou desenhistas, e carregam intenções de seus artistas. Assim, ler os quadrinhos passa pela compreensão do contexto social, histórico e cultural para se atribuir sentido a partir do visual, da ideologia e da produção de significados.

Além disso, não apenas por intermédio das histórias em quadrinhos, mas existem outras formas de registrar informações por meio de imagens, como nas representações iconográficas, como destacamos na representação iconográfica pelo editor e gravurista belga Levinus Hulsius, para o relato de viagem de Ulrich Shimíld (1599) da conversa entre uma amazona e o governante indígena dos Xaraiés.

Imagem 1.



Assim, a imagem serve como portadora de informações indo além daquilo que se vê, de forma imediata, sem se esgotar em si, para além da leituraimediatista do visual, muitas vezes sendo representativa de algo desejável, mas não mostrado explicitamente.

#### **4. O indígena nos quadrinhos**

Os quadrinhos estrangeiros trazem representações dos indígenas há muito tempo. Elas são das mais variadas, mas quase sempre reforçando os estereótipos, como por exemplo, o Pássaro Trovejante. Ele é um mutante com poderes, representante do povo Apache. Sua primeira aparição nas histórias em quadrinhos foi em maio de 1975 na primeira edição de *Giant-Size X-Men*, escrita por Len Weine desenhada por Dave Cockrum.

Em sua infância e adolescência, ele se mostrou forte e atleta vigoroso, mas com uma vida solitária e isolada. Seu desejo era provar suas qualidades como um guerreiro na sua antiga tradição, o que o levou a se alistar na marinha dos Estados Unidos. Seu desejo se concretiza quando estava em sua aldeia e lutou com um bisão, manifestando seus poderes e ganhando o respeito de sua comunidade.

Figura 2.



Os quadrinhos europeus também trazem representações de indígenas, como as histórias italianas ambientadas nos Estados Unidos, do ranger Tex. São vários personagens que perpassam pela história. Mas, as histórias são carregadas de estereótipos nas representações de mulheres, de indígenas, de negros, de mestiços, de brancos, de chineses e de mexicanos.

Os indígenas em Texaparecem representados de várias formas, na maioria das vezes, em conflito com os “brancos”, que os chamam de “peles-vermelha”, na disputa territorial. Muitos adjetivos utilizados para descrever os indígenas são pejorativos: “focinho vermelho”, “verme” etc.

Na saga, podemos encontrar Jack Tigre, da tribo navajo e parceiro de aventura do *ranger*. A imagem que se tem dele é de um homem silencioso e ágil, sendo a representação dos guerreiros navajos.

As narrativas de Tex, quase sempre colocam o indígena no maniqueísmo a favor ou contra a lei, a justiça e dos minoritários. Por outro lado, retrata os apaches, como cruéis e sem escrúpulos. Há relações entre indígenas e o governo, mas Tex serve como intermediário na luta contra a injustiça, sendo um tipo de salvador. Além disso, em alguns momentos os indígenas são representados como aliados dos “brancos” em troca de bebidas alcólicas ou armas, prestando serviços para os “civilizados” que não podiam “sujar as mãos” ou mesmo para promover crimes.

Figura 3.



Nos quadrinhos nacionais, a realidade representativa do indígena não é tão diferente do contexto estrangeiro norte-americano ou europeu. Ainda hoje os artistas apresentam o indígena carregado de estereótipos, desconSIDERANDO a complexidade de suas histórias, temporalidades, cosmologias e interrelações com outros povos.

A narrativa que conta a colonização de nosso país acaba apresentando o conceito de que os indígenas são preguiçosos, submissos à exploração que se aculturaram, que não podem usar tecnologia, eletricidade ou roupas não indígenas, tornando muito difícil a quebra de tais equívocos, por pura falta de reconhecimento do valor cultural e político que esses povos têm. Tudo isso contribui para a situação de exclusão histórica que marginalizou indígenas em nosso país, suas produções artísticas e culturais, o diálogo com as diversidades e o reconhecimento da arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos, a presença e a sociodiversidade de culturas indígenas, as configurações identitárias, os mitos mencionados no campo Artístico-Literário que contempla a leitura, a fruição e a produção de textos literários e artísticos,

representativos da diversidade cultural e linguística.

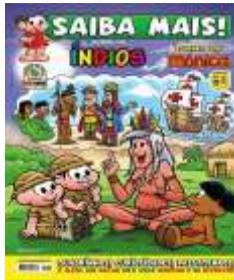
A revista de personagens da Turma da Mônica, criação máxima de Mauricio de Sousa, sendo o quadrinho mais vendido do mundo, acaba reforçando tais visões caricatas.

Conforme Silva, Santos e Tavares (2017),

[...] a narrativa traz uma carga ideológica tipicamente europeia, isso porque ao desenhar a chegada dos portugueses a América e o choque que houve entre as duas culturas a representação mostra-se extremamente estereotipada, pois ao desembarcar nas terras brasileiras os portugueses, foram retratados de forma dóceis e amigáveis com no máximo uma expressão facial de curiosidade sobre o desconhecido, enquanto os índios foram retratados com semblantes agressivos e portando uma arma (arco e flecha) e apontando para os portugueses. (SILVA; SANTOS; TAVARES, 2017, p. 5-6)

Ao apresentar o indígena do século 21, reforça-se a ideia de que ele continua se vestindo da mesma forma do período do descobrimento, sua fisionomia é apresentada de forma homogênea, mesmo tom de pele e corte de cabelo, usando tangas para cobrir a nudez, com adereços retirados da natureza.

Figura 4.



O meio em que vivem também é representado de forma homogênea, algumas vezes com ocas, que são mais comuns na região amazônica, diferente das construções de taipa de outras áreas do país.

Em outros momentos, os indígenas são apresentados com desempenho melhor do que os animais, na corrida, nadando etc., ou seja, há um processo de comparação entre seres humanos e animais. Além disso, a sabedoria milenar dos líderes acaba servindo de humor em várias histórias, sendo retratadas como ultrapassadas e desnecessárias, sem um conhecimento invejável.

Figura 5.



Felizmente, alguns povos indígenas começaram a produzir seu próprio material em quadrinhos, fugindo das distorções apresentadas acima. Para citar um exemplo, temos “Causos de Visagens para Crianças Maluvidas”, que conta as histórias do roteirista e colorista indígena TAI (PA) com arte de NIL (AM), contendo seis histórias de terror amazônicas para “crianças peraltas e desobedientes”. São adaptações de história da infância do primeiro autor. A obra tem o objetivo perpetuar as tradições amazônicas de contação de histórias com o intuito de respeitar a mata e os seres que nela vivem, assim como fazer com que as crianças maluvidas se comportem e respeitem os mais velhos.

### **5. Considerações finais**

Os quadrinhos podem ser importantes fontes de pesquisa para estudos antropológicos, de história cultural ou mesmo como uma ferramenta para diminuir visões caricatas ou reafirmá-las nos indígenas. Lembrando que eles não são neutros nem inocentes, mas carregados de intenções, seja de apagamento ou representando o não indígena com princípios fortes morais, religiosos e de dominação, em oposição à imagem do nativo atrasado, estagnado no tempo à espera de recursos e potencialidades, congelado na plasticidade pretérita.

Histórias em quadrinhos produzidas por indígenas têm o potencial para apontar novos caminhos em sua representação, mostrando a sua pluralidade cultural, sua diversidade de tradições e costumes, além da riqueza de sua organização. Talvez assim, essas histórias se aproximem um pouco mais da realidade e possam desempenhar um papel importante para os povos ancestrais de nosso país, fugindo da visão eurocêntrica tão forte ainda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *O que é nova história cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso*, n. 1, São Paulo, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002>. Acesso em: 20 outubro. 2022.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília-DF: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX. 1941–1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Cássio Júnio Ferreira da; SANTOS, Érica de Oliveira; TAVARES, Marcelo Góes. Papa-capim e sua turma: representações e imagens sobre o índio brasileiro nos hqs de Maurício de Souza. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, Ano 11, v. 1, Janeiro-Junho de 2017.